

“Acordos de Lisboa” versão 2009 (e também 2010)

27-Jan-2009

A convergência à esquerda é um tema incontornável, dentro e fora dos debates para a próxima convenção do Bloco de Esquerda. É assim porque a sociedade o impõe, independentemente das agendas de partidos, sensibilidades e da própria imprensa. O povo de esquerda e os trabalhadores, uma fatia importante da população assalariada, pequenos empresários e agricultores estão fartos do governo Sócrates e procuram, por todos os meios, uma forma de livrar-se dele e das suas políticas. Seja através da luta, com centenas de milhares nas ruas em 2008, seja por via eleitoral.

Texto de Cristina Portella e João Delgado, subscritores da Moção C

À

Esta é a explicação para o crescimento do BE e do PCP nas sondagens, para os famosos 1 milhão de votos recebidos por Manuel Alegre nas últimas presidenciais, para o sucesso das duas iniciativas unitárias protagonizadas pelo BE e Manuel Alegre e, ainda, para a abertura da possibilidade de “atá-las” bem pouco considerada remota do mesmo Alegre vir a abandonar o PS e formar um novo partido. É esta também a explicação de porque os líderes políticos da esquerda de oposição ao governo passaram a defender convergências à esquerda.

Mas de que convergências à esquerda se está a falar? A defendida pela Moção C desde a última Convenção baseia-se num programa de ruptura com o capitalismo e de oposição ao governo PS/Sócrates, que reúne o BE, o PCP e a corrente liderada por Manuel Alegre. É evidente que esta unidade só poderia incluir Manuel Alegre se este rompesse não só programaticamente com o PS, mas também se desfiliasse deste partido. É evidente que esta convergência alargada está excluída para as eleições de 2009, também por responsabilidade da direcção do BE.

A defendida pela Moção A, também desde a última Convenção, pelo contrário, exclui o PCP, com o argumento de que este não quer a unidade, - ao que o PCP responde sectariamente considerando que a convergência de esquerda é a CDU - e inclui exclusivamente a ala socialista. De que forma? Em 2009, através da hipótese de coligações autárquicas com movimentos independentes de cidadãos, na verdade organizações regionais do MIC de Manuel Alegre, que poderão incluir militantes socialistas possíveis apoiantes de Sócrates nas legislativas.

Para 2010, a Moção A propõe uma candidatura presidencial da convergência mais ampla possível. Ao nosso ver, esta adenda recentemente introduzida na Moção A abre as portas a um entendimento com Manuel Alegre, sem definir críticos programáticos ou a pré-condição da sua ruptura com o PS. Manuel Alegre ainda não esclareceu a sua estratégia política, mas declarou que defende o diálogo à esquerda também com o PS (Público, 13 de Janeiro).

Desta forma, a Moção A/direcção do BE dá sinais de que escolheu um caminho perigoso para o nosso partido. Enquanto nos acusa, injustamente, de querer a unidade a todo o custo com o PCP, abre as portas para que o Bloco participe em convergências com quem não se demarca do PS /

Sã³crates.

Esclarecer a polÃ-tica
de alianÃ§as atravÃ©s de critÃ©rios claros " e nÃ£o endossar a
unidade-cheque-em-branco na qual o PS poderÃ¡ entrar pela porta do cavalo " Ã©
fundamental para que nÃ£o tenhamos em 2009 e 2010 novos "acordos de
Lisboa".